

MÍRIAM LEITÃO TEMPOS EXTREMOS



Edição comemorativa
do romance de estreia da
premiada jornalista

intrinseca

**MÍRIAM
LEITÃO
TEMPOS
EXTREMOS**



Copyright © 2024 by Míriam Leitão

PREPARAÇÃO
Kathia Ferreira

REVISÃO
Eduardo Carneiro
Vania Santiago

PROJETO GRÁFICO
warrakloureiro

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design

DESIGN DE CAPA
Bloco Gráfico

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Odyr Bernardi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L549t
2. ed.

Leitão, Míriam, 1953-
Tempos extremos / Míriam Leitão. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.
21 cm.

ISBN 978-85-510-1033-4

1. Romance brasileiro. I. Título.

24-88199

CDD: 869.3
CDU: 82-93(81)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2024]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

“Sonho lúcido e fantasia encarnada, a ficção nos completa — a nós, seres mutilados, a quem foi imposta a atroz dicotomia de ter uma única vida, e os apetites e as fantasias de desejar outras mil.”

MARIO VARGAS LLOSA / *A verdade das mentiras*

“Dentro da casa-de-fazenda, achada, ao acaso de outras várias e recomçadas distâncias, passaram-se e passam-se, na retentiva da gente, irreversos grandes fatos — reflexos, relâmpagos, lampejos — pesados em obscuridade. A mansão, estranha fugindo, atrás de serras e serras, sempre, e à beira da mata de algum rio, que proíbe o imaginar. Ou talvez não tenha sido numa fazenda, nem no indescoberto rumo, nem tão longe? Não é possível saber-se, nunca mais.”

JOÃO GUIMARÃES ROSA / “Nenhum, nenhuma”, *Primeiras estórias*

NOTA DA AUTORA

Dois passados vieram à tona no começo dos anos 10 deste século. Em 2011, as obras na área portuária do Rio de Janeiro, para as Olimpíadas, revelaram o cais do Valongo. Foi um achado. O local de desembarque do tráfico negreiro era procurado havia muito tempo pelos historiadores e arqueólogos. Em 2012, foi instalada a Comissão Nacional da Verdade, pela então presidente Dilma Rousseff, com o objetivo de o país olhar de frente, pela primeira vez, para os crimes da ditadura militar no século XX. Esses dois passados encaravam o Brasil quando comecei a escrever *Tempos extremos*, em 2012.

O futuro parecia conter algumas certezas. Ele seria democrático, com a natural alternância de poder entre grupos políticos adversários, mais à esquerda, mais à direita. A disputa nas quatro eleições anteriores havia sido entre o PT e o PSDB, e voltaria a ser em 2014. Tornava-se mais acirrada na hora do voto, mas nada indicava o futuro de polarização extremada que anos depois se instalaria no Brasil. Muito menos que a

política invadiria a vida das famílias, separando irmãos e arruinando os encontros até em datas festivas.

Aí está o mistério da ficção. O objetivo era escrever sobre dois passados — o da escravidão e o da ditadura militar —, mas o livro acabou apontando um futuro que se tornaria concreto anos depois. A família, centro da trama, atravessa o livro tentando uma trégua para o reencontro programado, porém a fratura política irreconciliável, as “desavenças cristalizadas”, como descrevo aqui, instala-se dissolvendo o amor entre irmãos. Isso tudo parece hoje familiar no Brasil, mas passou a ser realidade apenas a partir de 2018, na polarização entre a esquerda e a extrema direita. A ditadura, então, voltou a ser defendida e, numa inversão perversa, pessoas que sofreram violências no regime militar passaram a ser acusadas e atacadas pelo homem que ocupou a Presidência entre 2019 e 2022, por seus filhos e por seus seguidores.

Nunca quis escrever autoficção, mas logo após a primeira publicação deste livro decidi revelar que havia sido presa e torturada durante a ditadura militar. Não que eu escondesse o fato. Um pequeno trecho da denúncia que fiz, durante meu depoimento à Justiça Militar em 1973, foi incluído na obra *Brasil, nunca mais*. Achei que esse registro fosse o suficiente. Mudei de atitude diante de uma nota das Forças Armadas, reagindo à Comissão da Verdade, em que garantiam não ter havido “desvio de função” na instituição durante a ditadura. Eu havia sofrido na pele o desvio de função, por isso falei.

Emprestei à personagem Alice algumas experiências que vivi, mas não quis fazer dela nem minha voz nem meu espelho. Contudo, ficção e realidade se misturaram algumas vezes. Uma apuração feita pelo meu filho Matheus para o livro que ele estava escrevendo, *Em nome dos pais*, revelou a identidade de três dos meus torturadores. Eu já havia entregado os originais deste *Tempos extremos* para a editora, quando um deles

teve o mesmo destino que eu dera ao personagem que criara para a trama.

Nesta edição comemorativa, nada foi alterado ou suprimido da versão original. Houve pequenos acréscimos que não mudaram a trama. Foi feita também uma revisão em detalhes de linguagem. O que estimulou a ideia de republicação, uma década depois de o livro ter chegado às livrarias, é que a obra, hoje, parece mais atual do que antes, pelo que o Brasil viveu nesses dez anos de conflitos radicalizados, de turbulência política contaminando relações pessoais, além da ameaça de novo surto autoritário.

Uma parte de *Tempos extremos* se passa no ambiente que foi o mais terrível dos nossos passados, a escravização dos negros. Nos últimos anos houve, em grande parte graças ao debate estimulado pela adoção das cotas raciais no ensino superior público, um aumento do entendimento da dimensão do racismo estrutural no Brasil. Os estudos sobre o assunto foram aprofundados e o racismo passou a ser mais confrontado. Mas aquele passado horrendo, com sua herança de desigualdades, ainda pesa sobre o nosso presente.

Tudo o que ocorreu nos últimos anos reforça o alerta apontado neste livro. Passados extremos não resolvidos sempre vão assombrar os países. E as pessoas. Falar sobre eles é parte da cura e da construção do futuro.

Míriam Leitão,
janeiro de 2024

PREFÁCIO:
MÍRIAM LEITÃO AMPLIA PERSPECTIVA DO PRESENTE*

José Castello

O passado ilumina o presente ou o ofusca? Em tempos intensos como os nossos, em que medida a memória nos ajuda a viver ou, ao contrário, nos serve de fardo? Perguntas difíceis surgem durante a leitura de *Tempos extremos*, romance de estreia da prestigiada jornalista Míriam Leitão. Um romance delicado, escrito com leveza, que caminha na direção oposta à do áspero noticiário econômico que Míriam é levada a manipular em seu cotidiano. Conta a história de Larissa, uma mulher sensível, que volta à fazenda Soledade de Sinhá, em Minas Gerais, casa da avó Maria José, de 88 anos, para passar um feriado. É um reencontro de família — que não só traz alegrias, mas também abre dolorosas feridas.

A história humana é pontuada por fantasmas — vultos indefinidos que surgem para Larissa, a protagonista, a meio caminho entre o sonho e o real. No fim das contas, Míriam mostra: a realidade é fluida e frágil e se esfarela se não a ma-

* Texto publicado no jornal Valor Econômico no dia 24 de maio de 2014.

nipulamos com destemor e confiança. Leitora assídua de escritores como Mario Vargas Llosa, Virginia Woolf e Guimarães Rosa, Míriam sabe que a história está sempre infiltrada pela ficção — e que é a ficção (o sonho, materializado em projetos humanos) que a empurra para a frente. Seu romance — contrariando a tendência contemporânea das narrativas compactas — convoca à cena, em torno de Larissa, um grande número de personagens, o que lhe empresta a feição de um painel social.

Atingidos pelos eventos da história, os laços familiares se esgarçam e se rasgam. “Era sempre assim com Alice e Hélio, dois irmãos nunca suficientemente reconciliados da grande fratura.” Paira a sombra dos anos da ditadura militar, que extremou posições, tornando a convivência áspera e difícil. Drama paralelo ao experimentado nos tempos da escravidão. Surgem sinais, também, dos anos contemporâneos, com sua instabilidade e a fragilidade de suas representações. Derramando-se sobre o passado remoto — a escravatura — e o passado recente — a ditadura —, *Tempos extremos* amplia, por fim, nossa perspectiva do presente. No fim das contas, é sempre do presente que se trata, das dificuldades de lidar com partes que não se encaixam, do sofrimento em manipular o inconciliável, duras experiências que significam viver. E também de nosso irremediável desejo de voar para além do real.

O que se destaca na escrita de Míriam é o hábil manejo dos personagens, múltiplos e complexos, e também a habilidade nos saltos no tempo. Tempo sempre intermediado por fantasmas, por fantasias vitoriosas ou não, por vislumbres. A linguagem do romance é coloquial: muitas conversas e muitos eventos, em uma prosa na qual o intimismo não exclui o sobrevoar o grande manto da História. Larissa funciona, assim, como eixo em um espaço ficcional no qual os personagens vivem sentimentos paradoxais — e é do paradoxo que

Míriam arranca a complexidade do ser humano. São as contradições que mostram a fragilidade, mas também a beleza da existência. Cemitérios, celas, grilhões, a figura triste dos escravizados trazidos do além-mar, duras imagens de tempos ferozes aumentam em Larissa o sentimento de fratura. Ela não pode ter uma imagem nítida de si — ninguém tem. Tudo é quebrado e incompleto, e é a incompletude, aos poucos ela aprende, que dá sentido ao existir. Sonha se tornar escritora, na esperança de que a ficção vede aquilo que se parte. É tudo o que nos resta: enfrentar pesadelos e fantasmas é o único caminho para nos aproximar de nós mesmos.

Não se pode falar em romance histórico, apesar da profusão de personagens e embora a história esteja presente todo o tempo. A força do particular se injeta no grande painel, desestabilizando-o e lhe emprestando cores singulares. A história se torna, assim, a alma secreta da intimidade. O romance é escrito, na verdade, em uma fissura do tempo. “O tempo parecia horizontal. Presente e passado convivendo, e ela [Larissa] entrara por alguma fissura. Imaginação? Tudo era real. E impossível.” A história particular da família que se reencontra se transforma, por força da ficção, em um naco da realidade brasileira. O que justifica a epígrafe tomada de Vargas Llosa: “Sonho lúcido e fantasia encarnada, a ficção nos completa — a nós, seres mutilados, a quem foi imposta a atroz dicotomia de ter uma única vida.”

Somos múltiplos — e os personagens de Míriam não só lutam entre si, como também oscilam dentro de si mesmos, guardando a precariedade que marca o existir. Como efeito dessa cisão, também a história se torna um grande puzzle no qual os eventos se encontram, mas nunca se complementam. É porque somos incompletos e temos tanto virtudes quanto fragilidades que tememos o passado. Passado que, na verdade, nunca passa e sobrevive em grandes segredos. “Vivos, mortos,

isso é relativo. Posso ser mais viva que você”, diz uma sombra que lhe aparece na noite. Chamada para viver um tempo que não lhe pertence, Larissa sente uma mistura de “carinho e aflição” pelos entes que lhe surgem. “Não entende a mágica que a transportou a um mundo antes do seu tempo.” Foi escolhida para evitar o pior, é transportada para o passado em viagem que se parece com a busca de salvação. Ela tem uma missão a cumprir. Não há salvação — mas o romance de Míriam nos mostra que o passado é sempre o manto que nos aconchega. Sobre ele caminhamos. Dele somos feitos.

“Nunca vou saber toda a verdade”, lamenta-se Larissa. É obrigada a viver com “retalhos de informação e a saudade visceral que nascera com ela”. Difícil tarefa para a jornalista: somos obrigados a partilhar e a aceitar nossa incompletude. A história — que Míriam persegue com afinco — é paradoxal: ela nos engrandece, mas também nos apequena. Nos salva, mas também condena. Ela nos confere, enfim, um lugar para viver.

O vulto que surgiu à porta do quarto onde Larissa estava parecia tanto um fantasma, que não podia ser.

Sozinha num pequeno cômodo da fazenda centenária, Larissa olhou para a coisa imóvel perto da porta e se aborreceu: — Vá embora, não estou com medo.

Escurecera mais cedo. Era um tempo em que o dia se cansa fácil e a noite se apressa. Como em todas as fazendas antigas, aquela carregava suas histórias. E foi sobre elas que se conversou ao entardecer. Normalmente encolhida, Joana, a cozinheira, crescia nos momentos de contar estranhezas. Assegurava ter visto, ou saber de alguém que viu, pessoas de outras épocas perambulando pela enorme propriedade. “Uma mulher, décadas atrás, se matou naquele quarto perto da sala de jantar”, dizia. “E lá sua alma ficou prisioneira.” Garantia com ar fatalista que aquela casa sempre fora, em qualquer época, palco de grandes eventos. Gloriosos ou trágicos.

Em vez de cenário de dramas, a fazenda Soledade de Sinhá parecia um refúgio do tempo. Longe da rodovia, fora da

rota do turismo, sem luz elétrica, sem telefone, a mansão era um fantasma de eras perdidas.

Larissa olhou de novo. O vulto não se mexia.

A brincadeira de amedrontar não funcionava com ela nem quando era criança. Menos efeito ainda teria agora. Ela gostava do que os outros temiam. O silêncio da noite quebrado por barulhos inexplicáveis acentuava sua imaginação. Sentia como se o escuro a abraçasse. A falta de luz era abrigo na infância; agora era a desculpa perfeita para fugir ou retardar decisões.

O que se pode fazer no escuro? Tudo se pode entrever, inventar; mas nada se pode fazer. A brincadeira — Larissa tinha certeza — era encenada pela pessoa de sempre.

— Crescemos, Mônica. Chega de bobagem.

O vulto teimoso permanecia. Estranhamente mais alto que sua prima.

O encontro naqueles feriados tinha sido convocado por Maria José, a avó, que fazia 88 anos. Data bonita, de dois números iguais, desenhados em superposições circulares, pensou Larissa. No entanto, a tensão nunca estivera tão forte na família, com o distanciamento sempre crescente entre Alice, sua mãe, e Hélio, seu tio. O momento político avivara velhas feridas entre os irmãos.

Chegaram todos ao longo do dia e se espalharam pelos quartos já preparados, dispostos a passar por cima das desavenças cristalizadas por anos para permitir momentos agradáveis.

Marcos, o filho mais novo de Maria José, tinha levado o violão, que costumava ajudar a reunir a família em torno da música, apagando discussões. Fora sozinho, sem a mulher com quem seus filhos jamais haviam aprofundado uma relação. Não gostavam, não desgostavam, era apenas muito diferente da mãe deles. Marcos decidira ir sem ela na esperança

de que houvesse mais diálogo entre ele e os filhos, Felipe e Luisa. Agora, já grandes, iniciando a vida profissional, quem sabe, pensava, haveria chance de refazer o clima de intimidade que um dia tivera com eles quando pequenos. No fim da infância, com a separação, a ex-mulher mudara-se com eles para São Paulo. O afastamento entre pai e filhos foi sendo tecido pelos desentendimentos que sobreviveram ao casamento. A cada tropeço de Marcos, a ex-mulher lembrava às crianças que o pai não era o exemplo a ser seguido. Os momentos juntos foram ficando cada vez mais raros.

Hélio, o filho mais velho de Maria José, chegara no começo da tarde com a mulher, Márcia, e a neta, Clara, de onze anos, filha do primeiro casamento de Mônica. Clara morava com os avós. André, o filho mais velho de Hélio, também chegara cedo. Ele havia conseguido sair no fim da manhã da universidade, apanhara na escola os dois filhos, Pedro e Maria, e foi disposto a terminar a viagem durante o dia. Preferia dirigir com luz.

Larissa tinha madrugado para estar lá durante a manhã; Mônica apareceu no começo da noite, alegando cansaço pela festa da véspera. As duas tinham a mesma idade e temperamentos opostos. Larissa era quieta, tímida, recolhida; Mônica, expansiva. Larissa, profunda, filosófica; Mônica, leve, frívola. Larissa, de beleza discreta, dessas que precisam de tempo para se mostrar; Mônica, explicitamente bela. Essas diferenças elas manejaram bem ao longo da vida. Era o menor dos conflitos da família. Foram colocadas no mesmo quarto em homenagem à antiga amizade. Larissa estava sem o marido, Antônio; Mônica, claro, sem o novo — e secreto — namorado.

As crianças foram instaladas no que era conhecido como quartão: um cômodo comprido, com cinco camas dispostas paralelamente com as cabeceiras encostadas na parede maior. A sexta cama, no entanto, fora colocada perpendicular às ou-

tras, debaixo de uma janela. Na cabeceira, um enorme crucifixo. Os primos Clara, Pedro e Maria ocuparam as primeiras camas e puseram as malas e os brinquedos em cima das outras duas. Mas olhavam com certa desconfiança aquela cama que, separada de todas as outras, ficava lá de frente para onde eles estavam. Nela, ninguém aceitava se deitar, não se sabia por quê. Era o medo pelo medo, sem explicações.

O que confortava os meninos era a certeza de que no quarto ao lado ficavam duas adultas: Mônica, mãe de Clara, e Larissa. Principalmente Larissa as acalmava, dizendo nada haver de sobrenatural por ali.

Quando todos foram dormir, Mônica começou a dar detalhes não pedidos. Sim, seu namorado era casado. Riquíssimo. Estava comprando um avião para visitar suas fazendas de gado em Mato Grosso. Tinha apartamento em Nova York. Romântico.

— Casado, mas está apaixonado por mim. Esse, se eu pego resolvo meus problemas.

Larissa se espantava com a intacta superficialidade de Mônica. Sempre fora o que era agora. Não lembraria a ela, para não ofender, que ela deveria era se preocupar em organizar-se, ter uma vida de gente grande; morar com a filha, Clara, e assumir a educação da menina. Até quando viveria nas festas, como se tivesse eternamente vinte anos?

Aquela conversa a aborreceu. Quis recolhimento e silêncio. Decidiu procurar outro recanto. O quarto escolhido foi exatamente o que ninguém jamais quis, sobre o qual pairavam dúvidas e sombras. O cansaço da viagem, o peso das suas angústias maduras, as difíceis decisões a tomar eram mais fortes e, por isso, ela quis fugir das conversas de Mônica.

— Você está falante demais para o meu gosto, eu quero sossego. Vou dormir no quatinho perto da sala de jantar, que amanhã levanto cedo e não te acordo.

— E o fantasma, sua doida?

— Ora, você acredita nisso?

Para chegar ao cômodo era preciso sair da ala dos quartos, passar pelo salão central de tábuas largas, cruzar salas menores, atravessar um corredor que dava na sala de jantar e entrar na primeira porta. De dia, era um local acolhedor. De noite, o lugar evitado.

O fantasma seria o de uma mulher infeliz, segundo contara Joana na conversa do entardecer. Cansada das traições do marido, teria se vingado com a própria morte. O marido a encontrou quando chegou. O remorso o consumiu ao saber do padecimento da esposa.

Uma doença, em seguida, devastou as plantações. As flores não floriram durante anos. O pasto secou e os bois morreram. Uma onda de morte se espalhou pelos campos. A natureza murchou. Praga, diziam. A alma da infeliz teria ficado instalada no local de sua agonia. Assim Joana contava, trágica. A cada recontar, novos detalhes eram adicionados.

A lenda aterrorizava as crianças, mas Larissa a ouvia com todo o interesse que dedicava à cultura popular, que estava se perdendo no interior de Minas Gerais com a eletrificação do campo. Um retalho do passado completamente condenado na cultura atual. Ela sonhava guardar aqueles relatos em livro.

Sem medo nem espanto, mas com alguma irritação, constatou que a figura permanecia onde estava, ao lado da porta. Virou-se para o canto para demonstrar desprezo pela tentativa de assustá-la e falou, de costas para o vulto, quase em súplica:

— Mônica, para de ser infantil. Fantasma... era só o que faltava! Quando criança, eu não tinha medo. Vou ter agora? Acho superlegal a gente lembrar a infância, mas me deixa. Estou cansada e quero acordar cedo.

O tempo parava naquela escuridão. Larissa foi sentindo o corpo amolecer, o sono chegar devagar. Meio entorpecida, já quase dormindo, virou-se, em busca de melhor posição, e, de novo, viu o vulto à porta.

Basta — pensou.

Era hora de encerrar definitivamente aquela encenação imatura. Pegou a lanterna e a acendeu na cara da prima para mostrar que não estava assustada com o teatro de assombração.

O vulto desapareceu.

Sumiu no iluminado.

Larissa escorregou a luz da lanterna pela porta toda.

Viu que estava fechada.

Levantou-se e tentou abrir.

Estava trancada.

Lembrou-se então de que havia trancado quando entrara no quarto.

Enigma.

Se Mônica não poderia ter entrado no quarto, o que era aquilo?

Larissa duvidou pela primeira vez.

Olhou para a janela para ver se alguma luz externa, da lua, havia atravessado os vidros. A parte de dentro da janela, em estilo francês, de vidro, com pequenos quadrados, estava trancada. Na parte de fora, a janela era de madeira maciça e, durante o dia, ficava completamente aberta, presa pelos bonecos de ferro por causa do vento.

A parte de dentro da janela ficava aberta nos dias de sol e fechada nos dias de chuva, permitindo, ainda assim, que em qualquer época fossem avistadas as ondulações de morros sem fim.

Imaginou a possibilidade de que a janela externa tivesse alguma fresta pela qual passasse a luz da lua, criando o estranho reflexo na porta. Mas não. Tudo fechado, sem frestas. E,

lá fora, a lua estava encoberta. Rodou a lanterna pelo quarto e não encontrou uma única entrada para qualquer luz ou reflexo pelas paredes.

Foi quando se inquietou.

Apagou a lanterna e conferiu a porta. Nada havia. Tentou espantar o desconforto e voltar a dormir, mas a curiosidade era um fermento. Ficou deitada encarando a porta.

O vulto reapareceu.

Larissa levantou automaticamente o corpo e se sentou na cama. Ela não acreditava em nada que não se pudesse ver e tocar. Nessa concretude descrente — e só nisso — se parecia com a mãe, agnóstica do período da militância política dos anos 1970. Criada em ambiente racional, Larissa tinha desprezo pelo sobrenatural. Seu apreço era ao folclore, à cultura popular.

Percebeu um sutil movimento no vulto e ouviu um som. Estranho, indefinível. Vindo de longe, mas aconchegante. Súbito, o som formou uma frase:

— Quer saber quem sou eu, minha irmã?

Larissa, prisioneira de duas forças. Iguais, contrárias. Fugir ou entender? O medo devastador. Paralisante. A tentação de aceitar o convite. Quem era ela? O que, de fato, acontecia naquele momento, naquele quarto?

Ouvi ou sonhei? Delírio? É sonho, só isso, pensou.

Instintivamente rechaçou:

— Não!

O vulto sumiu, obediente.

Ela procurou a lanterna. Sua mão apalpava a cama sem encontrá-la. Olhou em volta. Não via coisa alguma naquele quarto. A lanterna, enfim encontrada, reconfortou-a momentaneamente. Luz vasculhando o quarto. O nada. Nenhum ser ou sombra.

Cochilara, convenceu-se.

Foi isso. Por alguns instantes, dormiu. Mas todas aquelas histórias a haviam impressionado mais do que era capaz de admitir, com sua mente orgulhosa da racionalidade.

Era tarde para a razão. O desconforto tinha ficado forte demais. Abriu a porta, saiu do quartinho com a lanterna acesa e foi andando pelo casarão no meio da noite. Tropeçava em móveis, errava as portas, o chão de madeira rangia, o caminho parecia longo, infinito. A escuridão não a guardava mais. O escuro a feria, pela primeira vez, com a sensação de perigo desconhecido e iminente. Ela quis companhia. Foi para o seu lugar no quarto em que Mônica dormia.

Na cama, tremia. Olhava para os lados. Nada via, tudo intuía.

A escuridão de uma noite sem lua nem estrelas, numa fazenda centenária no parado do tempo de Minas, nada mostra, nada confessa. Entrega ao vivente o terror de suas fraquezas.

A Soledade de Sinhá ficava num vale cercado por montanhas e recônditos. Passara por vários ciclos econômicos e disso trazia as marcas. No começo, foi um centro de mineração, e uma primeira sede rústica — mas sólida — fora construída perto de uma ramificação da estrada que escoava riquezas para a corte. No início do século XIX, foi reformada e ampliada para virar uma próspera fazenda de plantações diversas, gado de corte e de leite, que atravessou gerações e conheceu a decadência. Então, um novo dono e mais um período de prosperidade. O filho mais velho herdou a terra e a manteve, até que foi para a cidade e envolveu-se em outros negócios. Houve mais um longo período de abandono e desleixo.

Nos últimos anos, havia surgido a esperança do recomeço quando Sônia, filha de Maria José, comprou a propriedade pensando em recuperá-la e fazer dela um hotel, além de atualizar a atividade produtiva dos quinhentos hectares de terra. O trabalho de refazer o destruído não estava pronto.

A construção fora plantada num declive, de forma que parecia, num dos lados, ter um andar a mais. Esse primeiro andar foi senzala, celeiro e selaria, dependendo da época. Hoje era um porão entupido de móveis para restaurar, caixas, entulhos. Dava para um agradável pátio de pedra interno, de onde se via melhor a grandeza do imóvel. De frente, tinha dois andares. O porão não aparecia. O primeiro andar — o segundo da perspectiva do pátio interno — já estava reformado. O último andar estava em obras. O conjunto ainda revelava o meio do caminho. Uma estação no tempo.

Pedras de cantaria contornavam as inúmeras janelas e portas; toras de madeira de cinco a sete metros seguravam a estrutura num entrelaçamento robusto. O piso de tábuas largas, verdadeiros pranchões, mantinha a elegância. Alguns móveis tinham sido refeitos e enfeitavam os aposentos, como um precioso arcaz da sala principal que alternava gavetões e gavetas menores. Os afrescos das vidraças das salas apenas insinuavam a beleza que haviam tido. Uma escadaria de pedra na entrada dava um ar de grandeza ao imóvel, ainda que este não tivesse o toque europeu na arquitetura nem a decoração das propriedades do Vale do Paraíba, no Rio de Janeiro. Em Minas, havia menos pompa. Acabada a época em que o ouro aflorara, atiçando a cobiça, o saque e as traições, a riqueza ficou mais difícil de ser extraída de terras montanhosas; e a gente do lugar cunhou esse jeito de guardar dos olhos alheios parte do que sabe.

A fazenda tinha resistido ao passar dos anos, ao descuido, ao abandono, com uma nobreza sóbria que sucumbe, mas não verga; que pode ser abatida, mas não vencida. Tinha a imponência sólida das construções feitas para a permanência.

Larissa vigiava acordada em espanto, tentando racionalizar o que vira e ouvira. Tudo impossível. Pela primeira vez, não sentia prazer de estar no escuro. Naquelas horas mortas,

contava os minutos para amanhecer, inquieta. Se ao menos pudesse ler... Havia um velho gerador que iluminava apenas parte da casa, porém, depois que todos iam dormir, o motor era desligado para poupar combustível. Sem luz, nada podia fazer.

Quando a avó pedira a reunião, ali na fazenda da Sônia, Larissa fora a primeira a confirmar presença. Viu o convite como uma forma de se lembrar da infância, quando todos se juntavam na casa em que a avó tinha morado no Grajaú, no Rio. Antônio estava de plantão no jornal e às voltas com uma investigação complicada. Lamentou não ir. Desde o casamento com Larissa, tinha adotado como sua aquela família. Mesmo com seus defeitos e tensões ainda era melhor do que a dele, que se dispersara por desinteresse.

O asfalto passava muito longe do velho casarão. Após a morte da mulher, o último dono foi morar na cidade. Não exerceu sua influência no traçado da rodovia erguida nos anos 1960, no auge do compulsivo rodoviarismo brasileiro. A estrada serpenteou outras propriedades levando progresso, luz, apagando mistérios.

Um longo atalho de chão ligava a Soledade à estrada asfaltada. Nas chuvas, ficava intransitável; na seca, a poeira encobria quem se atrevesse. Ela ficou lá, com sua imponência inútil, meio longe de tudo, meio perdida e cercada de montanhas, protegida das mudanças, exposta apenas ao tempo que a marcava sem, no entanto, apagar a beleza. As pinturas descascadas de suas portas e janelas mostravam cores várias, em camadas, acumuladas, formando um decapê natural, quase moderno. Cercada de árvores que haviam crescido na época do abandono, a fazenda parecia um enclave do velho na sequência de casas renovadas em toda a região. A revitalização que estava em curso no vale fazia da propriedade um grande negócio. Havia sido comprada por um bom preço anos antes.

Da vida de economista do setor financeiro, Sônia havia ficado com esse talento. Sabia vender e comprar, entrar e sair, falar e calar. Tudo na hora certa. Só sua vida era incerta, escondida, como um segredo. O que se conhecia era um amor longo e infrutífero, seguido de amores breves e inúteis. Era melhor na alocação de ativos e na distribuição dos recursos em carteiras de investimento. Na diversificação dos bens, tinha decidido apostar um pouco naquele ativo fixo, por ser reserva de valor. Terra e um grande imóvel rural histórico são garantias em momentos de muita incerteza. Encheu os pastos de boi enquanto pensava em outras unidades de negócio a instalar ali. Deixou a mata intocada, imaginando uma exploração turística histórica e ecológica. Agora, com a reforma da casa, estava com chance de extrair boa renda do imóvel principal como hotel, desde que, claro, fosse resolvido o problema da estrada. Nas terras, além do gado de corte, iniciava um plantel de cavalos de raça. Não chegava a ser um haras, mas já tinha alguns bons produtos da raça campolina.

Os filhos do último proprietário cresceram longe, levados por ele para a vida urbana. Nunca se interessaram por Soledade. Depois da morte do pai, feito o espólio, venderam as terras e o casarão onde a mãe morrera. Eram insensíveis à sua beleza e à sua história. Queriam se desfazer do passado.

Essa foi a oportunidade que Sônia aproveitou. Só que a obra era mais demorada do que imaginara. Havia uma infinidade de detalhes para manter a autenticidade da arquitetura. Sônia tinha pouco tempo e uma carteira de ativos de renda fixa e variável para administrar e proteger das oscilações da conjuntura mutante do Brasil. Anos depois, ainda não havia conseguido dar todo o destino econômico ao local que havia calculado e reformara apenas uma parte da fazenda. Deixou um administrador supervisionando o trabalho,

mas já pensava em um plano B: uma futura venda com lucro da fazenda arrumada e com uma dimensão razoável de terra.

Larissa via com desgosto o avanço da recuperação e certos detalhes da modernização. O que ela mais gostava era justamente do passado impregnado nas paredes, nos velhos métodos de edificação, nas dezenas de janelas enfileiradas no andar que a família ocupava, nas quais se debruçava pensando nos tantos que, antes dela, haviam visto a mesma paisagem, o mesmo verde em volta. Gostava da escadaria de madeira em caracol que levava ao andar superior sob o ranger dos pés nas tábuas. No salão do piano, com suas marquesas de vime, namoradeiras, adivinhava saraus, amores e traições. Imaginava o passado vivo, vivido e presente. Era quase possível ouvir a música tocada pelos dedos das mulheres prendadas e prisioneiras das convenções, burladas, às vezes, em pequenos flertes, sutis transgressões. Quantas foram?

O que mais a atraía era a sensação de abandono que havia em alguns cantos ainda intocados. O último andar tinha esse ambiente em certos pontos, como se a casa tivesse sido fechada por pessoas em fuga e tudo fosse deixado para trás por décadas. Os poucos móveis restantes pareciam solitários na amplidão das salas com assoalho de tábuas largas e compridas. Apenas um móvel se impunha: um enorme armário com livros e documentos guardados. As encadernações antigas, organizadas na estante com portas de vidro, eram irresistíveis aos olhos de Larissa.

Tudo parecia velho naquela fazenda. E era. Tinha a sensação quase física de que o tempo, de certa forma, fica por onde passou. Mas naquela noite, de volta à sua cama, começou a ver tudo pelo avesso. E já havia desencontro demais em sua vida.

Depois do mestrado, agora viria o doutorado em História, e nem isso ela sabia se queria. Temia ter perdido preciosos

anos com aquela segunda graduação. Tardia. O jornalismo, sua primeira opção, havia sido uma sucessão de frustrações. O ambiente de competição a tragara. Não era feita para aqueles embates. Não sabia como se defender das maquinações e rasteiras. Depois de anos de repórter mal remunerada, enfrentou uma demissão injusta. Desistiu. Voltou à universidade para fazer o curso de História e passou a viver de trabalhos eventuais. A vida avançava, ainda indefinida perto dos quarenta anos.

Nunca soubera como se encaixar. Era como uma peça errada no quebra-cabeça da vida. De novo, estava em dúvidas cada vez mais profundas sobre o caminho escolhido. Sobrevivera, nos últimos anos, dos textos escritos como *freelancer* para revistas dos mais diversos setores. Seria pesquisadora. Mas ser professora... não. Não tinha vontade, vocação. Tímida extremada. “Fóbica”, atestara um médico, oferecendo remédios para superar a limitação que ela sabia não ser química. Simplesmente nasceu assim, recolhida, miúda diante do mundo. Expor-se era um sofrimento. Tinha escolhido História pelo conforto de se abrigar no passado. O tempo velho não cobra, não exige, não tem mais urgência. Passou. Precisa apenas ser escavado, encontrado. O agora é exigente, implacável, impõe seu curso. Isso era o jornalismo do qual fugira. Estava ainda sem saber exatamente o tema no qual se aprofundaria no doutorado. Se é que o faria. Ao final daquele curto hiato, que seria o encontro da família, teria que tomar decisões. Sentia a pressão geral. Ninguém fazia a pergunta sobre o que ela pretendia, no entanto ela a ouvia nos olhares.

O dia amanheceu iluminado e poderoso. O sol tudo espanta.

Larissa havia conseguido dormir um pouco nas primeiras luzes. Acordou quando a família já comentava uma notícia surpreendente espalhada por Mônica: Larissa havia fugido do quatinho assombrado no meio da noite.

Larissa com medo?

Ela era a que desdenhava do temor alheio. Desde sempre era aquela que ninguém conseguia assustar. Seus medos eram outros: de enfrentar a vida, de se expor, de lutar por seus objetivos. Temia os vivos.

Era estranha por seus gostos e escolhas. Gostava de acordar de madrugada, antes de todos, em qualquer reunião de família. Desde criança estava sempre em algum canto mais escondido, com um livro na mão.

Esse fugir de todos e precisar deles era a contradição que a definia. Sonhava encontrar os primos e tios, porém ficava arredia, vendo-os de longe. As madrugadas eram a fuga perfeita. Sabia que eles levantariam logo, mas tinha aquele momento do dia só seu. Era a primeira a acordar, apenas pelo prazer de sentir a solidão.

Como o sono demorara a chegar, naquele dia acordou mais tarde. Ao aparecer para o café da manhã servido na enorme mesa da cozinha com fogão a lenha, a brincadeira geral foi sobre ela ter voltado para perto de Mônica. Serena, com um leve sorriso, ouviu as piadas até que elas cessaram.

Encheu uma grande caneca com o café coado no fogão da Joana, mordeu um pedaço de broa de fubá e soltou sua bomba:

— Vi um vulto no quartinho.

Os rostos se viraram para ela. O de Joana, pálido. Um silêncio inédito na família barulhenta. Todos com a mesma curiosidade. Larissa, que dizia nada temer, nada existir de sobrenatural. Ela vira o vulto; era a confirmação.

— Vi. Vi um vulto. Ficou parado na porta entreaberta. Pensei que era a Mônica. Mas depois verifiquei que eu tinha trancado a porta. Ela não estava entreaberta. Pensei que era a luz da lua, reflexo. Pesquisei para ver o que estava provocando aquele efeito. Só que a janela estava fechada, totalmente, inclusive a parte de madeira. Não entendi.

— Você teve medo? — perguntou Clara, apavorada.

— Bom, preferi sair de lá, Clarinha.

Escondeu uma parte do fato. A de que o vulto falara. Ela ainda não acreditava. Quem sabe foi num cochilo que pensou ter ouvido... Nem na mais delirante das histórias de assombração, que povoavam os ermos de Minas, os fantasmas falavam.

— Larissa viu o fantasma.

A frase foi dita de boca em boca, contada para os funcionários da casa. Confirmado. Provado. Havia o fantasma.

— Maria, a Larissa viu um fantasma. Eu não te disse que tinha fantasma nesta fazenda? — atijou Pedro, de sete anos, entre excitado e amedrontado, querendo aterrorizar a irmã.

Maria, olhos arregalados, saiu correndo e aninhou-se no colo de André. O abraço do pai deu a ela o conforto que se tem aos cinco anos de estar protegida contra tudo, num aconchego.

— O que você acha que foi? — perguntou André a Larissa, enquanto abraçava a filha.

— Não tenho ideia, você que é físico talvez encontre uma explicação.

— Conta de novo? — pediu Pedro.

Maria ficou calada. Temia até perguntar.

— É isso. Só isso. Eu vi um vulto, mandei ele embora pensando que era a Mônica. E depois vi que não podia ser porque eu tinha trancado a porta. Não entendi e não fiquei para ver.

— Ótimo, bela história, isso rende dinheiro — disse Sônia.

— Como assim? Como pode uma história dessas virar dinheiro? — perguntou Maria José.

— Veja bem, já que a Larissa está confusa sobre o que fazer da vida... Desculpe, Larissa, não quis ofender, mas não é isso? Você ainda está em dúvida, não é?

— Não ofende, tia, estou acostumada e tenho que pagar o preço de mudar de ideia meio tarde.

— Um dos seus trabalhos de *freelancer* pode ser o de recuperar um pouco a história daqui, e isso ser parte do acervo. Quero uma espécie de memorial para dar ao turista a certeza de que ele visita o passado.

— Mas a história de um suicídio de mãe que faz os filhos fugirem daqui não vai atrair ninguém — argumentou Maria José.

— Isso é conversa da Joana. Crendice desse pessoal do povoado. O que os irmãos que me venderam a Soledade disseram foi apenas que a mãe deles morreu quando eram muito pequenos e, por isso, o pai decidiu mudar-se para o Rio e investir no comércio. No começo, teve pena de vender a fazenda, depois, nas crises econômicas dos anos oitenta e noventa, foi difícil encontrar comprador.

— Me explica melhor essa ideia de memorial — pediu Larissa, degustando o pão de queijo artesanal assado naquela manhã por Joana.

— Eu posso ajudar, que sei de muita coisa. Aqui tudo acontece, estou avisando — insistiu Joana do seu fogão, pouco se importando de ser alvo de descrédito.

Sorriram da oferta de Joana. Se ela fosse a fonte de informação, o memorial pareceria realismo mágico.

Sônia concentrou-se na sua proposta de pesquisa a Larissa.

— Por exemplo. Lá em cima, você certamente vai encontrar algum material de estudo. Os irmãos que me venderam ouviram do pai deles que nessa biblioteca centenária tem até documentos da época do Império, herdados da família da qual o avô deles comprou a propriedade. Você, que é historiadora — não é a sua profissão? —, poderia pesquisá-los. Isso dará um charme a mais ao hotel-fazenda quando ele estiver funcionando.

— Mas o que você pretende fazer com esse segundo andar?

— Vou chamá-lo de terceiro porque quero incorporar também o porão. Isso valoriza. A propaganda dirá que é uma fazenda isolada, de três andares, cheia de histórias e mistérios. Quero que você registre tudo. Esse terceiro andar vou destinar às suítes mais caras e maiores. No porão, ou primeiro andar, vou manter o ar sombrio e misterioso, valorizando a senzala dos escravos domésticos. De lá, os hóspedes sairão para o pátio interno, local dos castigos. Na senzala de fora, quero fazer umas salas de reunião, jogos, leitura, e explorar a vista para a beleza do vale e das montanhas em frente.

Mesmo com Sônia tentando transformar o assunto em negócio, a aparição é que ocupou as conversas do dia.

Larissa repetia o episódio para agradar às crianças, que ficavam hipnotizadas, mas o fato é que um certo mal-estar a perseguiu durante todo o dia. Vira algo estranho naquele quarto. Pior, ouvira. Sentia, de vez em quando, um leve tremor ao se lembrar da voz: “Quer saber quem sou eu, minha irmã?” A frase permanecia na mente de Larissa como indagação de sua própria sanidade mental.

Tinha vergonha de contar que ouvira uma voz vinda de um ser da sombra. Em nada combinava com a lenda da tal mulher que teria morrido no quartinho, de desgosto e ciúme. Era algo mais profundo, pelo qual sentia atração e repulsa. Da mesma forma que os temerosos de altura namoram os precipícios: como vertigem e destino.

De noite, era disso que todos queriam falar, na cozinha, ao redor da grande mesa de madeira de pau-ferro. Larissa deliciou-se com a canjiquinha com costela de porco que fervia no fogão a lenha e partiu para as sobremesas. Mas, mal acabou seu quinhão de ambrosia, fingiu sono e, para fugir do assédio, procurou refúgio no quarto que dividia com Mônica,

deixando a família na algazarra das conversas sem rumo sobre mistérios ouvidos ou inventados.

Ela precisava pôr a mente em ordem. Uma parte dos seus pensamentos passara o dia prisioneira daquela figura que entrevira no escuro da noite anterior. Queria entender mais e não queria entender. Houve momentos do dia em que pensou simplesmente em fugir dali; alegar algum problema urgente, beijar a avó, declarar amor por todos e ir embora para perto de Antônio, seu porto seguro. O impulso era abandonado por vergonha. Seria admitir que era uma pessoa acuada diante do mais infantil dos medos.

O único momento de descanso do dia foi quando, recolhida num *recamier* de uma varanda interna da fazenda, iluminada pelo sol e pela lucidez da autora, saboreou um texto escrito por Virginia Woolf para um encontro de mulheres. “Ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar.” Tantos anos e tantas escritoras depois daquele 1931 em que Virginia Woolf pronunciara essa palestra, Larissa se sentia ainda tendo de enfrentar seus fantasmas e remover rochas para assumir que sonhava, desde sempre, com a ousadia de escrever livros. Não admitiria a ninguém, não confessaria nem a si mesma a intensidade do seu desejo. Continuará estudando e se afundando em textos técnicos, destinados a leitores especializados, ou em matérias que redigia para publicações de área específica. Não entregaria sua alma e seu corpo à experiência radical, de nudez pública, que seria escrever um romance. “Falar a verdade sobre minhas experiências do corpo, creio que não resolvi. Duvido que alguma mulher tenha resolvido. Ela ainda tem muitos fantasmas a combater, muitos preconceitos a vencer.” Tinha lido e relido essas frases durante a tarde. Virginia Woolf, que se expôs nua em seus livros numa era de mulheres encobertas, que atravessou com sua literatura

perturbadora fronteiras impossíveis; até ela avisava da dificuldade. Só que, quase um século depois, muitas outras vieram. O caminho estava aberto. Fantasmas mortos, rochas removidas. O que Larissa temia?

A tese de doutorado lhe consumiria mais alguns anos com seu roteiro inescapável, das citações sequenciais do conhecimento consolidado à proposição da ideia central. Pensar nesse projeto a pacificava. A incógnita que permanecia era o inverossímil da noite anterior. O que a atordoava era a certeza de que tinha visto algo indescritível e inaceitável: um vulto no meio da noite.

No caminho até o quarto, andou devagar como se procurasse algo ou pesquisasse. A pouca energia do gerador era consumida no salão onde todos se encontravam. A maior parte da fazenda estava na penumbra de alguns lampiões. Ela andava com sua lanterna focando nos pontos que queria ver. A fazenda era mais bonita à noite, como se só então se livrasse do presente e pudesse viver em paz sua natureza de peça histórica. Larissa parou, pegou uma bacia de madeira, descansou a lanterna acesa sobre a mesa e fez o movimento que um escravizado faria ao garimpar ouro. Rodava a bacia, com o corpo ligeiramente curvado imaginando o rodopio da água e o ouro se revelando ao fundo. Repetiu o gesto, calculando quantas vezes, por quantos anos, pessoas cataram o ouro nos rios da região, que enriqueceu outras tantas. Deixou a peça sobre a mesa. Num canto de uma das salas viu, dispostos como decoração, velhos grillhões. Delicadamente alisou os objetos de ferro consolando tardiamente alguém que ali sofrera. Quando, enfim, chegou ao quarto, após esse sucessivo parar, admirar e acariciar retalhos do passado espalhados por salas, corredores e saletas, pegou um bloco de capa dura que havia deixado na cabeceira e começou a tomar notas, com a ajuda da luz da lanterna.

Nunca mais será assim.
O passado profundo está perdido.
Eu o procuro intensamente
nos pequenos detalhes das coisas
que ficaram.
Se ficaram, algo querem me dizer,
trazem um recado,
um lamento,
como as garrafas lançadas ao mar.
Rodo as bateias,
passeio minhas mãos atrás das mãos
que, muito antes, aqui sofreram imerecido castigo
em busca de riquezas que não lhes renderam o descanso.
Vejo com horror herdado os instrumentos
que trouxeram dor.
Em arcas, arcazes, cristaleiras e marquesas
tento o contato impossível
pelo tempo enorme interposto entre nós.
Sei que querem que eu saiba algo que não sei.
Me esforço e não entendo
as mensagens que guardaram para mim.
Em algum tempo, nos encontraremos
E saberei.

Parou. Pôs um ponto final no que deveria ser o meio de uma frase. Descansou a caneta sobre o bloco de anotações, sentindo raiva de si mesma. Que tanto escrever era aquele que a nenhum lugar levava? Tinha vários blocos de anotações assim, sem sentido algum. Aquele seria apenas mais um deles, mais um trabalho perdido. Nunca seria escritora. Tinha as palavras, apenas elas. Não saberia jamais compor uma história, construir um enredo e chegar a um porto. Fechou o bloco, se deitou e desligou a lanterna.

**Finalista do Prêmio São Paulo de Literatura,
romance de estreia da premiada jornalista
Míriam Leitão ganha edição comemorativa
e se mostra mais atual do que nunca**

Quantos mistérios uma antiga fazenda perdida entre as serras das Minas Gerais pode guardar? Mistérios que chegam de forma inesperada, revelando passados diversos a uma família dividida por conflitos afetivos e políticos. É o que Larissa tentará descobrir, em uma estranha jornada na qual perseguirá sombras e segredos para entender os próprios sonhos.

No memorável primeiro romance de Míriam Leitão, agora em edição comemorativa de dez anos, o leitor não encontra espaço para respirar. É uma história de paixões extremas, sobre tempos extremos. Uma viagem às vezes em quase delírio pelos flagelos da escravidão, no século XIX, e pelos subterrâneos do regime militar, no século XX.

A narrativa se passa no século XXI, mas as linhas temporais são rompidas. No entremeio, as relações tormentosas entre pais e filhos e entre irmãos tecem uma trama densa e ousada que revisita passados que o Brasil tem preferido deixar acobertados pelo silêncio.

Como ficcionista, Míriam Leitão mantém aqui a mesma postura que marcou sua trajetória de jornalista: não faz perguntas fáceis. Nem abre caminhos para zonas de conforto.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/tempos-extremos-2/>